



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE**  
**NÚCLEO DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO E PROMOÇÃO DA SAÚDE – NESPROM**  
**CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS MULTIDISCIPLINAR - CEAM**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO E PROMOÇÃO DA SAÚDE**

**Tatiane Neves de Souza**

**Educação Sexual no Currículo Escolar: um estudo da  
temática no desenvolvimento consciente da saúde do  
adolescente**

**PROFESSORA MSC. CAROLINA CONCEIÇÃO PRADO**

**BRASÍLIA,  
2010**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE**  
**NÚCLEO DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO E PROMOÇÃO DA SAÚDE – NESPROM**  
**CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS MULTIDISCIPLINAR - CEAM**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO E PROMOÇÃO DA SAÚDE**

**Tatiane Neves de Souza**

# **Educação Sexual no Currículo Escolar: um estudo da temática no desenvolvimento consciente da saúde do adolescente**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC –  
Apresentado para a Banca Examinadora do  
Curso de Educação e Promoção da Saúde  
da Universidade de Brasília, como  
exigência parcial da obtenção do grau de  
especialista em Educação e Promoção da  
Saúde.

Professora: Msc. Carolina C. Prado

**BRASÍLIA,**  
**2010**

À Deus, por estar comigo e fazer-me forte diante dos percalços da vida, a minha mãe que dentro de extrema simplicidade, conseguiu fazer-me uma pessoa de bem e determinada a alcançar meus objetivos. A todos que me apoiaram, ajudaram e incentivaram que eu desse esse passo, em especial meus familiares cada qual com seu merecido destaque em meu coração. A meu companheiro e futuro esposo Santos, por sua dedicação e paciência que tanto contribuíram para essa conquista. E a minha orientadora Carolina Prado, por sua competência e dinamismo que propiciaram a essa ascensão acadêmica.

## RESUMO

As inferências da educação sexual na dinâmica do ensino nas escolas e de sua inserção no currículo escolar com vista a socialização do conhecimento aos adolescentes depara-se com a inadequada formação dos docentes, que detentores e muitas vezes participantes de um processo histórico de formação para sexualidade reprimida e propulsora de estereótipos, concorrem para o aumento de crenças e valores que hoje são inadequadas e alheias para a real necessidade de amplitude de orientação para sexualidade do adolescente face as inúmeras repercussões que sua inadequação pode ocasionar. Sendo esse um desafio para a mudança de paradigma no currículo escolar, buscou-analisar a educação sexual nas escolas, com vistas à promoção da saúde de adolescentes. Para tanto, foi realizado um estudo a partir da análise acentuada de percepções de autores voltadas à temática em foco. Foram pesquisados no portal Scielo Brasil artigos científicos publicados entre os anos de 2001 e 2009. Desta pesquisa, foram selecionados dez artigos. Os resultados mostraram que a forma como o assunto vem sendo tratado em sala de aula se apresenta deficiente contribuindo para perpetuação da alienação dos adolescentes para com sua própria saúde, algo preocupante, considerando a atual conjuntura social a que estão inseridos. Embora haja muitos relatos de ações bem sucedidas nesta área. Com efeito, há a necessidade de adequação do currículo escolar, bem como da formação dos docentes de forma a serem aptos a propagar e socializar a sistemática da promoção da saúde a partir do cuidado que o adolescente deverá ter para consigo mesmo. Com isso, o adolescente participará de um desenvolvimento advindo de uma adequada orientação o que lhe permitirá viver a sexualidade de forma segura e consciente.

**PALAVRAS CHAVES:** educação sexual, escola, sexualidade, currículo

## **ABSTRACT**

The implications of sex education in the dynamics of education in schools and their integration into the school curriculum with a view to the dissemination of knowledge to adolescents faced with inadequate training of teachers, that possession and often participate in a historical process of training for sexuality repressed and driving stereotypes, contributing to the increase of beliefs and values that are inadequate and unrelated to the actual need of guidance range of adolescent sexuality to face the variety of such repercussions that inadequacy may cause. Since this is a challenge to the paradigm shift in the school curriculum, we attempted to analyze sex education in schools, in order to promote the adolescents health. Therefore, a study was conducted from the analysis of sharp perceptions of authors focused on the themes. We run a scientific search at portal Scielo Brazil for articles published between the years 2001 and 2009. From at this search, we selected ten articles for more detected. The results showed that the way this subject has been treated in classroom has poor contribution to the perpetuation of adolescent alienation in toward their own health and concerning, considering the current social situation in which they are inserted., although there are many reports of successful actions in this area. It remains clear the need to adapt the curriculum and teachers training in order to be able to socialize and spread in a systematic promotion of health care that adolescents should have for themselves. Thus, adolescent should participate in a development that comes from an appropriate orientation to allow them explore their to live sexuality in a safe and conscious way . On the other hand, actions such as: health promotion in schools, lectures, community meetings to address this issue with parents meeting, teachers and students, extracurricular activities, all with the purpose of discussing the subject, among other forms of adolescent integration with the theme may be used alongside the school activities in order to call young's to take their own responsibility to understand and use these activities for their appropriate sexual education.

**KEY WORDS:** sex education, school, sexuality, curriculum

## SUMÁRIO

### RESUMO

<b>INTRODUÇÃO</b> -----	01
<b>OBJETIVOS</b> -----	0
Objetivo Geral -----	09
Objetivo Especifico -----	09
<b>INFERÊNCIAS SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL</b> -----	10
<b>METODOLOGIA</b> -----	14
<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO.</b> -----	15
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> -----	25
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> -----	31

## INTRODUÇÃO

A Sociedade contemporânea tem participado de várias informações e contextualizações atinentes ao assunto sexualidade. Neste cenário, a figura do adolescente emerge fortemente, uma vez que são esses jovens os detentores das principais dúvidas e o público mais suscetível a exporem-se as falsas crenças sobre o tema, justamente por entenderem que o perigo sempre está ao lado de outras pessoas e que nada irá acontecer consigo, ou por perceberem-se no controle de suas próprias vidas, o que os colocam cada vez mais vulneráveis as mais desagradáveis situações.

Com efeito, e nesse contexto, a figura de pais e educadores torna-se primordial à orientação adequada desse jovem, inferindo em seu relacionamento e interação com a temática. Pois, nessa fase da vida, o adolescente busca harmonizar-se consigo mesmo, conhecendo seu corpo e demais aspectos que influirão em seu desenvolvimento, e nesse momento é que as dúvidas surgem, atreladas as novas regras sociais propagadas por esses mesmos jovens, os levando a diferentes comportamentos sexuais. Isso ocorre justamente em função da busca da sexualidade liberal, desregrada, acompanhada pela mídia, pela troca de informações grupais entre esses adolescentes pelas mais variadas redes de relacionamento que atualmente têm acesso. O que ocasionará a promoção da informação inadequada e sem a devida conscientização dos mesmos.

Uma eficiente educação sexual na escola possibilitará ao adolescente em suas variadas relações, o alcance de uma concepção integral e humanista da questão sexual, bem como da importância que trará para sua vida, pois será ele próprio a colocar a qualidade em suas relações e isso dependerá de seu estilo de viver o seu cotidiano, da consciência de suas atitudes, despertando-os para uma perspectiva de satisfação.

Para minimizar as implicações negativas da falta de orientação sexual dos adolescentes, faz-se necessária a propagação da socialização da educação sexual na escola, permitindo o desenvolvimento e o reforço dos valores humanos,

de modo a prevenir e promover a saúde desses adolescentes, propiciando o conhecimento de estilos saudáveis de relações sexuais. Onde, a educação com responsabilidade e com o outro necessariamente predomina.

Pelo exposto, esse trabalho, buscará analisar a educação sexual no currículo das escolas, no que tange o preparo de adolescentes para uma vida sexual segura, voltada à responsabilidade do cuidado consigo mesmo, a fim de evitar as mais diversas situações indesejadas no futuro, que vão desde uma gravidez precoce, que marcará sua vida, até a possibilidade de contração de doenças sexuais.

## OBJETIVOS

### Objetivo Geral:

Analisar a educação sexual no currículo das escolas, com vistas à promoção da saúde de adolescentes.

### Objetivos Específicos:

- Formar uma base de dados para servir de alicerce na elaboração de programas de educação sexual voltados para o ambiente escolar.
- Demonstrar os impactos positivos da adequada educação sexual de adolescentes;
- Traçar alternativas de promoção da saúde, que possibilitem uma mudança de mentalidade não só dos adolescentes, mas dos educadores e de seus familiares, mostrando que com a integração de todos pode-se alcançar um objetivo comum, que neste caso, será proporcionar uma vida sexual sem maiores percalços.

## A EDUCAÇÃO SEXUAL

Educação Sexual como ensino sobre a anatomia e psicologia da reprodução humana e demais aspectos do comportamento que se relacionam ao sexo, se apresenta como fator importante nas respostas as dúvidas sobre: preservativos, DSTs, anticoncepcionais, bem como do conhecimento do organismo masculino e feminino, gravidez entre outros assuntos correlatos. Dessa forma, desempenhando um papel primordial na preparação e orientação do adolescente para a vida sexual de forma segura e responsável.

Segundo Suplicy, (1991), a Educação Sexual consiste em: “um processo formal e informal, sistematizado que se propõe a preencher lacunas de informação, erradicar tabus, preconceitos e abrir a discussão sobre as emoções e valores que impedem o uso dos conhecimentos”. Para ela, cabe também propiciar uma visão mais ampla sobre a sexualidade, a partir do esclarecimento, ainda que de forma simples, mas que deve ser repassado pelas Instituições públicas e privadas com o propósito de conscientizar a população.

Para Lapate, (1985) a “Educação sexual surge atrelada a aspectos de informação científica, atitudes culturais e aprendizagem que estão implícitas no homem e na mulher”. Ressaltando que “essa temática abrange o aspecto total do comportamento humano, a compreensão das necessidades básicas no que diz respeito a pertencer, a amar e ser amado, respeitando-se os direitos dos outros”. O que leva a inferir que a abordagem do ensino da educação sexual deve ser feita a partir do respeito, amor próprio, preocupação com doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada, entre outras preocupações cabíveis.

Em carácter normativo a essa temática foi abordada a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB (Lei nº 9.3394/96) que dispõe nos seus primeiros artigos sobre a educação e a preocupação com o exercício da cidadania e o pleno desenvolvimento do educando que articula vários aspectos, como: a saúde, a sexualidade, a vida familiar e social, o meio ambiente, o trabalho, a ciência, dentre outros assuntos indispensáveis à formação integral do indivíduo (BRASIL, 1996).

Servindo também como Instrumento norteador, foi lançado no Brasil em 1994, o Guia de Orientação Sexual: diretrizes e metodologia elaborado com o propósito de disseminar a orientação e educação sexual nas escolas. Trata-se de guia que traz inúmeras informações e conceitos, importantes para a compreensão da sexualidade. Sua abordagem é dividida em faixas etárias que acompanham as fases da vida da criança ao adolescente assim definidos: infância (5-8 anos), puberdade (9-12 anos), adolescência inicial (12-15 anos) e adolescência (16-18 anos) (SUPLICY; *et. al.* 2005).

Esse guia serve de norteador ao profissional de educação, para que o mesmo agregue conhecimento e possa transmitir aos alunos, de forma a esclarecer e melhorar as relações entre os seres humanos, a comunicação, o respeito e os direitos de cidadania. Este guia esclarece que “a Orientação Sexual abrange o desenvolvimento sexual compreendido como: saúde reprodutiva, relações interpessoais, afetividade, imagem corporal, auto-estima e relações de gênero. Enfoca as dimensões fisiológicas, sociológicas, psicológicas e espirituais da sexualidade através do desenvolvimento das áreas cognitiva, afetiva e comportamental, incluindo as habilidades para a comunicação eficaz e a tomada responsável de decisões”, explica o guia (SUPLICY; *et. al.* 2005).

Para avançar nesse processo de formação da educação sexual e ampliar sua abordagem, em 1999, a ONU realizou um processo de revisão e avaliação da implementação do programa (Cairo+5), essa ação culminou ao avanço nos direitos dos jovens, assegurando-lhes o direito a educação sexual no currículo escolar, bem como, a assistência a saúde reprodutiva. Organização das Nações Unidas (FLEURI, 2002).

Com destaque, outra ação também relacionada aos aspectos de Educação Sexual deu sequência a sua abordagem, quando o Comitê de Direitos da Criança deliberou à recomendação específica (Recomendação Geral n.º 4, de 6 de junho de 2003), sobre a saúde do adolescente, referindo-se com certa ênfase no que diz respeito à saúde sexual e reprodutiva dos jovens.

Contudo, ainda que com alguns esforços para disseminação do tema Educação Sexual, existe hoje, uma demanda real e necessária que se refere à

dificuldade que tem o educador/educadora, em abordar questões afetas a sexualidade. Justamente por se tratar de um assunto que envolve várias questões advindas da cultura, ciência, religião, e muitas vezes da falta de informação. Por isso a importância de abrir um canal de comunicação para debater essas questões cotidianas do meio escolar, para formar opinião e traçar estratégias que vão de encontro ao impacto dessas questões, de forma a trabalhar conflitos, anseios, medos, expectativas, com vista a propiciar aos jovens alternativas para que se posicionem melhor em relação à sua sexualidade, para que construam sua cidadania pautada em valores e conhecimentos a partir do que foi aprendido no ambiente escolar. Embora também, não se possa deduzir que os jovens estarão preparados simplesmente porque lhes é ensinado técnicas, ignorando totalmente os valores e a vida humana, e não ensinando o sexo no contexto geral, por isso a importância da atuação conjunta dos pais com a escola, possível a partir do acompanhamento pelos mesmos sobre como o tema está sendo tratado na escola de seus filhos.

De forma complementar, participa a ideia de que a educação sexual nada mais é então, que a busca pelo ensino e esclarecimento sobre questões relacionadas ao sexo, livre de preconceito e tabus, onde o principal objetivo é preparar o adolescente para a vida sexual de forma segura, onde ele tenha responsabilidade de cuidar de seu próprio corpo para que não ocorram situações futuras indesejadas, como a contração de uma doença ou uma gravidez precoce e indesejada, uma vez, que somos todos suscetíveis a passarmos por tal situação.

Percebe-se então que o processo de formação para educação sexual deve ser preocupação tanto de pais quanto de educadores, de forma que os jovens tenham uma educação sexual sadia, e uma visão holística sobre o tema e que não se restrinjam tão somente a um aprendizado do corpo humano, da formação física de seus órgãos e funções, o que de certa forma já é abordado em algumas disciplinas que tratam do corpo humano, nas ciências naturais, por exemplo, de forma a não mecanizar o conhecimento, não transformá-lo em uma técnica e sim permitir sua identificação de forma natural e complementar do ser humano como é a atividade sexual.

Identificando a dificuldade de abordagem por parte de educadores e da sociedade como um todo é que autoras como Sayão (1995) e a Suplicy (1991), escreveram sobre educação sexual justamente na tentativa de contribuir e de elucidar a tão problemático tema junto aos adolescentes que por falta de informações sentem-se limitados , gerando tabus. Por isso também é importante o papel que os pais representam em conversar com seus filhos a respeito do mundo do sexo. Detalhar de forma clara e sem rodeios como ocorre a transmissão de doenças e a gravidez, além de ensiná-los como devem se prevenir contra tais. Por outro lado não exclui o papel primordial do professor perante o assunto de auxiliar os jovens nos questionamentos que não são passados pelos pais.

Com efeito, a falta de uma abordagem mais consistente por parte das escolas, abre caminho para que esses adolescentes fiquem mais vulneráveis a comentários e até conselhos de pessoas da mesma idade, sem embasamento teórico e nem vivência do assunto, embora na grande maioria dos casos os adolescentes preferem discutir entre si assuntos relacionados a sexo, assim o que ocorre é que as dúvidas de um será a do outro e por vezes esse dúvida tratada de maneira convencional poderá se tornar um problema futuro.

Pelo exposto, torna-se evidente a importância da educação sexual no currículo escolar, pois, é a partir da educação que poderemos prevenir transtornos à vida do público alvo dessas ações, os jovens, dando-lhes subsídios para que tomem decisões responsáveis quanto a sua vida sexual. O que nos leva a inferir que sem esse espaço para discussão o adolescente fica sem opções, considerando a existência das mais diversas barreiras existentes dentro de suas casas, que os impede de conversar com seus pais sobre o assunto, cabendo então a escola ser a orientadora, atuando no atendimento das dúvidas apresentadas, que não são poucas, por estes na sala de aula.

## METODOLOGIA

Considerando todos os aspectos destacados e com o objetivo de analisar a educação sexual nas escolas, com vistas à promoção da saúde de adolescentes, utilizou-se a metodologia de pesquisa qualitativa que tem por desígnio proporcionar maior proximidade com o problema, com vista a torná-lo mais claro. “O planejamento para este tipo de trabalho é bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado” (GIL, 2002, p. 41).

Tal procedimento metodológico permitiu a avaliação e comparação de dados mundiais de pesquisas realizadas recentemente.

Assim, realizou-se revisão bibliográfica de artigos científicos publicados no período de 2001 a 2009 sobre a educação sexual de adolescentes no contexto escolar no portal Scielo Brasil. Para a seleção dos artigos foram utilizadas as seguintes palavras chaves: educação sexual, escola, sexualidade, currículo, orientação sexual, sexo, adolescente. Assim, foram selecionados para a revisão apenas os artigos que cruzassem duas ou mais palavras. Desta seleção foram escolhidos 10 artigos científicos.

As análises obtidas foram transcritas na forma de texto e tabelas. Tais resultados seguem no próximo capítulo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos encontram-se na tabela 01.

Tabela 01 – Resultados da revisão bibliográfica (1999-2009).

<b>Autores</b>	<b>Título</b>	<b>Palavras chave</b>	<b>Ano Publicação</b>
ALTMANN, H.	A sexualidade adolescente como foco de investimento político-social	Sexualidade, adolescente	2007
ALTMANN, H.	Educação Sexual e primeira relação sexual: entre expectativas e prescrições	Educação, sexualidade	2007
ALTMANN, H.	Educação sexual em uma escola: da reprodução à prevenção.	Educação, Sexualidade, Escola	2009
FURLANI, J.	Sexos, sexualidades e gêneros: monstrosidades no currículo da Educação Sexual	Sexualidade, Educação, Currículo	2007
JARDIM, D.; <i>et al.</i>	Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira – SP	Orientação, Escola, Sexualidade	2006
PAIVA, V.; <i>et al.</i>	Opiniões e atitudes em relação à sexualidade: pesquisa de âmbito nacional.	Sexualidade, Adolescente, Sexo	2005
ROSISTOLATO, R.P.R.	Gênero e cotidiano escolar: dilemas e perspectivas da intervenção escolar na socialização afetivo-sexual dos adolescentes	Escola, Adolescente, Sexo	2009
ALTMANN, H.	Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais	Orientação Sexual, Currículo, Escola	2001
DINIS, N.; ASINELLI-LUZ, A.	Educação sexual na perspectiva histórico-cultural	Educação, Sexualidade	2007
TONATTO, S.; SAPIRO, C. M.	Os novos parâmetros curriculares das escolas brasileiras e educação sexual: uma proposta de intervenção em ciências	Educação, Sexualidade, Currículo	2002

Helena Altmann (2007a) em seu artigo, “A sexualidade adolescente como foco de investimento político-social”, colabora com a ideia de que a sexualidade na juventude tem sido objeto de atenção em toda sociedade e discorre sobre a atual explosão discursiva em torno desse tema e sobre o modo como a sexualidade adolescente tem sido focada como um problema social frente ao qual a escola é conclamada a intervir.

A autora cita uma reportagem que gira em torno da pergunta: “Até que ponto a educação sexual faz falta?”, nessa oportunidade o repórter anunciava que tratariam sobre o “drama dos jovens que vivem suas primeiras experiências sexuais” e concluía: “nesse início de século, os adolescentes surpreendem pela pressa: tornam-se pais e mães como se isso fosse apenas mais uma brincadeira.” (GLOBO REPORTER, 2004).

Com vista a também responder a este questionamento, seu artigo foi longe na tentativa de verificar a prioridade dada ao assunto nos meios de comunicações, nas escolas, nos currículos escolares, debates sobre políticas públicas, entre outros. Ela percebeu com o estudo que se trata da sexualidade na juventude, cujo foco de atenção tem sido a gravidez, um dos vários resultados possíveis, quando não há uma orientação adequada, para tanto refletindo sobre o modo como essa problemática tem sido socialmente equacionada e, mais particularmente, como a Educação está atrelada nessa questão.

Outro fator destacado é a ampliação do estudo da saúde das pessoas, em especial dos adolescentes, atrelando-o a vários campos do conhecimento, com vista à atuação próxima dos jovens, de modo que abordem e desenvolvam a temática e socialize o conhecimento para os mesmos, lhes permitido a orientação adequada para que não enfrentem problemas relacionados a não orientação sexual, nessa fase tão especial de suas vidas, e que, por conseguinte determinará uma vida sexual sem percalços (ALTMANN, 2007a).

Como conclusão, identificou que para a transposição da orientação para educação sexual, a figura da escola, vista como local privilegiado para expansão da educação sexual deve estar preparada para assumir seu papel de agente transformador do indivíduo.

Já no artigo: “Educação sexual e primeira relação sexual: entre expectativas e prescrições”, Altmann (2007b) analisa como as meninas idealizam sua primeira relação sexual e como a escola se refere a esse aspecto da vida dos/as jovens e intervém sobre isso. Demonstra também alguns limites na intervenção escolar, quando do tratamento desse tema.

Foi possível perceber, de acordo com a autora que, no plano discursivo, as/os jovens incorporaram os ensinamentos escolares.

“E que as intervenções escolares buscavam desenvolver um sentido de ‘responsabilidade’ em torno das relações sexuais, procurando mudar ou adequar os dispositivos que estruturam os comportamentos preventivos. Para isso, além de recomendar o uso do preservativo para uma prática de sexo seguro, acabava-se aconselhando um determinado modelo de relacionamento no qual a relação sexual deveria ocorrer”. (ALTMANN, 2007b, p. 354)

Como conseqüência desse tipo de abordagem na escola, o sentido de prevenção não era tratado para múltiplas formas de relação sexual entre jovens, de modo que “pressupunha uma racionalização e previsibilidade das relações que, na prática, pareciam nem sempre ocorrer. Esse modo de focar a questão pode estar limitando os efeitos que essa ação educativa pretende atingir” (ALTMANN, 2007b).

Concluiu-se que o não reconhecimento da sexualidade adolescente é que pode estar limitando a eficácia das práticas educativas. E reforça que “Sem o reconhecimento social – e escolar – das diversas formas de jovens relacionarem-se sexualmente, a transmissão de informações pode ter um impacto limitado nas suas vidas. A não-legitimidade de determinadas formas de relação pode dificultar-lhes o acesso a informação e a preservativos, assim como intervir negativamente na sua utilização”.

Essa conclusão foi reforçada em seu estudo “Educação Sexual em uma Escola: da Reprodução à Prevenção, onde pôde perceber que o ensino da temática na escola está muito voltado a questões de reprodução, que uma das maiores preocupações está na gravidez na adolescência. E que também há um

tabu na discussão das várias temáticas, sendo posto de lado outros tipos de relações, como por exemplo, aos homossexuais (ALTMANN, 2009).

Para Altmann (2009), o ensino mostra-se deficiente, uma vez que da forma que é abordado as dúvidas permanecem, sendo necessário que o assunto seja retomado em outra fase da vida desses adolescentes e talvez tarde demais. A autora sugere que sejam ampliados o leque de informações sobre o assunto, bem como que sejam disponibilizadas nos livros didáticos, métodos anticoncepcionais, as doenças sexualmente transmissíveis, modos de prevenção e locais que disponibilizam os acessórios necessários para tal.

O artigo "Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da Educação Sexual" de Furlani (2007) trata de "os sexos", "as sexualidades" e "os gêneros" que podem ser pensados como "monstros curriculares", assim como todo assunto marcado pela polêmica, pela provisoriade, pela normalização. Esses aspectos, propiciam o entendimento e o conhecimento do assunto por diversas óticas o que leva ao enriquecimento da discussão.

Para Furlani (2007), o papel que a Escola assume nesse cenário, é de fundamental importância, justamente por atuar como um agente integrador e receptor das demandas dos jovens, uma vez que é lá que passam maior parte de seu tempo e daí a importância da abordagem adequada do assunto no currículo escolar, de forma a dissipar não apenas o conteúdo em si, a ministrar as disciplinas, a seguir um padrão escolar, mas abordar o tema de forma a realmente atingir e chegar bem próximo do adolescente, falando a sua voz e assim o orientando adequadamente.

Contudo, participa que a discussão da sexualidade na Escola não deve ser vista como um bicho de sete cabeças, assunto de censura, de temor, mas pelo contrário deve-se aproveitar o cenário atual, as mudanças percebidas no mundo e em nos mesmos, outra época, outro tempo, o que favorece as discussões sobre o assunto e enriquece o conhecimento.

A partir de pesquisa realizada por Jardim *et. al.* (2006) com o propósito de verificar a importância da orientação sexual na escola, ficou demonstrado que a maioria dos professores não dispõe de conhecimentos suficientes para

promoverem orientação sexual aos adolescentes, atendo-se muito mais no aspecto biológico da sexualidade do que nos sentimentos e valores que a envolvem.

O resultado da pesquisa demonstra a fragilidade do ensino, uma vez que, a forma de abordagem do conteúdo ignora todo o contexto ao qual o adolescente esta inserido e as implicações a que o mesmo está sujeito por falta da orientação adequada. Para a autora a fase adolescente “tem sido marcada por intensas mudanças no comportamento individual e coletivo dos mesmos, o que tem exposto o adolescente a muitos riscos físicos, psíquicos e sociais. E cita que esse tema é de extrema importância, pois a falta de orientação tem gerado problemas de grande impacto social como: como a gravidez precoce e a transmissão de DST e do HIV (JARDIM; *et. al*, 2006).

Com efeito, a educação sexual deve ser vista como mecanismo de prevenção. “Ao se falar em Educação Sexual, e de acordo com Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS), esta deve ser tratada como um “processo informal pelo qual aprendemos sobre a sexualidade ao longo da vida, seja através da família, da religião, da comunidade, dos livros ou da mídia” (JARDIM; *et al*, 2006 p.158), enquanto define Orientação Sexual como “processo de intervenção sistemática na área da sexualidade, realizado principalmente em escolas”, Apesar dessa definição, a autora não descarta o papel da família na formação da orientação sexual, pelo contrário, reforça seu papel e ressalta sua atuação juntamente com a escola, de forma a preparar o adolescente a partir da base familiar e da educação na escola, permitindo o preparo do jovem evitando as mais diversas situações desagradáveis e de grande impacto , muitas vezes por ele ocasionadas

Para a autora a escola é o melhor lugar para se definir e apresentar um programa de educação sexual, principalmente por ter acesso maior ao adolescente que passa a maior parte de seu tempo naquele ambiente, o que de certa forma abre também um canal de discussão para maior participação da família, a partir do espaço propicio de interação para o desenvolvimento da

educação sexual, que contribuirá para a orientação integral do adolescente da base familiar ao ensino escolar propriamente dito (JARDIM; *et. al*, 2006).

Depreende-se desse estudo que ao se falar da escola, o professor se constitui um interlocutor confiável para as questões da sexualidade, na qualidade de adulto significativo para o aluno. No entanto, ele só exercerá esse papel se se mostrar também disponível para atender às demandas que recebe em relação ao assunto, e dependendo de seu estilo, poderá inibir ou estimular o aparecimento de dúvidas por parte dos alunos.

Outro ponto evidenciado pela autora é que no sentido de acolher e educar o indivíduo a família revela-se detentora de um papel importante à educação sexual. Embora nem sempre consiga cumprir adequadamente sua função, transferindo esse papel a escola. Para cumprir sua função educativa, à escola, que dependerá intimamente de professores capacitados a desenvolver no adolescente e consciência e o preparo adequado (JARDIM; *et.al*, 2006).

“A sexualidade na escola deveria ser trabalhada transversalmente em todas as disciplinas do currículo escolar, com professores devidamente preparados para esta função em uma metodologia participativa, com base na manifestação do próprio adolescente”. (JARDIM; *et. al*, 2006 p.161),

No caso da escola pesquisada, seus professores mostraram-se inseguros com o seu conhecimento e prática nos conteúdos de orientação sexual, restringindo-se apenas aos conteúdos dos livros de ciências e biologia que se resumem na anatomia e fisiologia da reprodução e temas tradicionais da adolescência como a prevenção da gravidez e das DST/AIDS.

Como conseqüência do estudo e com base em sua análise, foi identificado como ponto fundamental para a socialização do conhecimento em educação sexual, a necessidade de uma abordagem assertiva e efetiva por parte dos professores, que deverão estar aptos a lidar e a discutir não apenas fatores biológicos, mais tratar o tema com um enfoque atual e repercuta na visão de mundo do adolescente, com uma linguagem que gere confiança no adolescente e

ao mesmo tempo o deixe a vontade para esclarecer suas dúvidas, rompendo barreiras e mitos sobre o assunto.

Para Paiva (2005):

“compreender atitudes e valores tem se mostrado fundamental para planejar iniciativas no campo da prevenção e da promoção da saúde, interferindo também nas diretrizes e no desenho das políticas públicas no campo da educação, e nas iniciativas de proteção e promoção de direitos” (PAIVA, 2005, p. 55)

A partir de uma pesquisa sobre opiniões e atitudes relacionadas a sexo, Paiva pôde constatar a diversidade de posicionamentos e tratamentos dispensados à temática, isso considerando vários enfoques, inclusive religioso. Para ele, ficou evidente a dificuldade de estabelecer uma dimensão única que explique a regulação da vida sexual dos jovens (“liberal” vs “conservador”). Sugere, além disso, que as questões relacionadas a sexo devem abordar aspectos de orientação sexual à luz da cultura e organização social ao nível local em que o indivíduo está inserido, como também deve haver a formulação de políticas laicas dedicadas à sexualidade de forma a permitir o diálogo entre diferentes perspectivas (PAIVA, 2005).

Já o artigo de Rosistolato (2009) fala das classificações de gênero que oscilam entre classificações modernas e tradicionais sobre a feminilidade e a masculinidade. O texto demonstra a forma como as representações de gênero articulam as interações entre docentes e discentes no espaço escolar durante o desenvolvimento de projetos de orientação sexual e na formação de docentes.

“Os professores elegem a igualdade de gênero como um dos principais pilares de sustentação de suas atividades e a entendem como a possibilidade de moças e rapazes experimentarem o universo masculino e feminino sem serem estigmatizados, além do tratamento igualitário entre os sexos” (ROSISTOLATO, 2009 p. 27).

Com base no estudo foram identificados desencontros entre as representações e as práticas dos professores, principalmente quando precisam

decidir sobre a educação dos próprios filhos. Ao mesmo tempo em que pretendem homogeneizar o tratamento dispensado aos alunos e aos filhos, sentem dificuldades ao educar os filhos homens porque querem que eles “sejam homens”. Ou seja, ainda há um pensamento conservador em torno do assunto e isso favorece a criação e perpetuação de mitos e barreira difíceis de tratar sem o preparo adequado desses mesmos professores.

Contudo, um ponto importante fica destacado, a educação dos professores, que voltadas a oposições rígidas de gênero, e que hoje orientam suas ações. Essas dificuldades se transformam em desafio para eles mesmos e para o programa de orientação sexual (ROSISTOLATO, 2009).

Com efeito, Altman (2001) em seu artigo sobre Orientação Sexual sugere que o tema deve ser mais abrangente com efeito de intervenção no interior do espaço escolar. E como também exposto por outros autores identifica que se deve partir de uma função transversal que atravessa fronteiras disciplinares, com vistas a expandir seus efeitos em domínios dos mais heterogêneos.

Sobre os parâmetros curriculares nacionais - PCNs, a autora participa da idéia que estes “incitam a escola a, através de práticas pedagógicas diversas, construir e mediar a relação do sujeito consigo mesmo, de modo a fazer com que o indivíduo tome a si mesmo como objeto de cuidados, alterando comportamentos” (ALTMANN, 2001 p 582). Sugere-se que a educação sexual não deve partir de proibições e punições, e sim de iniciativas de orientação eficazes que acolham o sentido da orientação assertiva de forma a despertar no adolescente a consciência e responsabilidade para com sua sexualidade.

Não obstante, infere que esse tipo de iniciativa de agregação do conhecimento para a prática sexual, vai muito além do mero conhecimento da temática, de modo na dinâmica de sua própria sexualidade

Para Dinis (2007), o tema da sexualidade tornou-se obrigatório nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Brasil, devendo ser tratado como um tema transversal, em que a sexualidade não é mais vista como um tema exclusivo das aulas de Biologia, mas que deve ser trabalhada em todas as disciplinas do currículo por uma visão culturalista. Essa mudança de paradigma implica discutir

todos os aspectos da sexualidade, inclusive as novas identidades sexuais e de gênero. Isso exige que o tema seja discutido nos cursos de formação docente, preparando o/a educador/a para resistir a discursos normativos sobre corpo, gênero e sexualidade.

Entender a sexualidade na visão do autor parte de uma perspectiva histórico-cultural, e por isso deve ser tratada holisticamente, permitindo ao tema a abrangência merecida, uma vez que se contempla na atualidade novas percepções que vão além de contextos familiares e que por isso incitam maior desprendimento de abordagem conceitual, o que pode ser trabalhado no âmbito escolar, possível se houver entrosamento das duas Instituições (familiar e escolar) e formação de docentes para tal.

Segundo Tonatto; Sapiro (2002), a escola poderá atuar e se definir como um local de socialização assertiva do conhecimento e articuladora e imprescindível para a construção de valores, que infiram no aluno e em escolhas conscientes à vida sexual, comportamento sexual e principalmente na transformação dos adolescentes em sujeitos pró-ativos com sua própria saúde.

Para os autores, há uma distorção de conhecimento e falta de adequação na orientação dos adolescentes sobre a sexualidade, o que preocupa, uma vez que estes participam e trazem para si conceitos pré-concebidos e os tomam como verdade, contribuindo para uma errônea formação de sua sexualidade.

Tonatto; Sapiro (2002) enfatizam que apesar de existir nos professores a necessidade de adotar uma maior abertura para o tratamento das questões relativas à sexualidade na escola, eles enfrentam um problema de ordem estrutural, pois não dispõem dos recursos adequados para trabalhar e orientar os adolescentes sobre essas questões. Dessa forma, acabam por tratar os assuntos a partir de um enfoque totalmente acadêmico e regulado, de forma a apenas conceituar o tema à luz da biologia e estrutura funcional reprodutiva do corpo humano, bitolando o conhecimento e embarreirando novos enfoques e percepções atuais, não ligando o tema a outros fatores e desprezando implicações negativas em função desse posicionamento, ou seja, o jovem aprenderá mecanicamente o

básico do tema não atrelando-o a outros fatores que de sobremaneira impactaram também em sua sexualidade.

Os autores expõem também que a forma como o conteúdo voltado à orientação sexual é abordado na escola contribui para a perpetuação e aumento de dúvidas, uma vez que o jovem não está sendo preparado para visualizar o tema associado a outros fatores além dos biológicos, o que gera um ensino deficiente e que não alcança por isso sua eficácia

Verificou-se que há necessidade de abordagem adequada no currículo escolar, uma vez que foi possível inferir na alarmante importância dispensada pelos adolescentes ao que o grupo de amigos toma como verdade em suas conversas sobre sexualidade. Estão buscando conhecimento em canais alheios a escola, correndo o risco de tomar decisões erradas justamente pelo despreparo para vida e desconhecimento ou conhecimento inadequado pelo assunto (TONATTO; SUPIRO, 2002).

Contudo, depreendem-se que a autora enfatiza que é importante se trabalhar os Parâmetros Curriculares Nacionais de forma integrativa aos padrões já estabelecidos na escola foco, uma vez que para cada caso haverá uma linha de ação que será determinada justamente considerando as especificidades de cada Instituição. Assim, os PCN's não deverão ser caracterizados como um manual a ser seguido estritamente, ao contrario, virá como agente propulsor as mudanças necessários no currículo, ao passo que poderá ser seguido discricionariamente em função das especificidades observadas atuando como direcionador para a prática escolar (TONATTO; SUPIRO, 2002).

Pelo exposto fica evidente que a forma como a educação sexual está sendo apresentada nas escolas, mostra-se deficiente e ineficaz, sendo, portanto necessário um novo enfoque e consideração de fatores que influem na percepção do tema incitando a novas visões e relacionados ao contexto atual. Desse modo a formação dos docentes para orientação dos adolescentes caracteriza-se como ponto fundamental a ser tratado, pois a partir desse passo que a adequação curricular será assertivamente desenvolvida alcançando o aluno de forma a propiciar-lhe maior entendimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se perceber que ainda com todo o desenvolvimento da temática educação sexual, elaboração de dispositivos reguladores para educação sexual e mesmo após 12 anos da inserção do tema no PCN, ainda ha uma abordagem tímida da temática pelo agente final, a escola, sendo em muitas regiões, tratado o assunto somente em aulas de biologia, não tendo uma nomenclatura especifica, podendo assim, perder o seu objetivo principal, que é, os adolescentes terem uma consciência plena da sua sexualidade.

Esse cenário remete ao despreparo dos professores para atuar frente à temática, o que gera grande mal estar.

O trabalho de Orientação Sexual desenvolvido pela escola diferencia-se, pois, da abordagem assistemática realizada pela família, principalmente no que diz respeito à transmissão dos valores morais indissociáveis à sexualidade. Se, por um lado, os pais exercem legitimamente seu papel ao transmitirem seus valores particulares aos filhos, por outro lado, o papel da escola é o de ampliar esse conhecimento em direção à diversidade de valores existentes na sociedade, para que o aluno possa, ao discuti-las, opinar sobre o que lhe foi ou é apresentado (SAYÃO 1997, p.113).

O que se nota hoje, é que a Educação Sexual esta difundida nas escolas das redes públicas e privadas, demonstra fragilidades quanto a sua real implementação, uma vez, que os profissionais sentem-se inseguros ao abordar o tema, já que em grande maioria não receberam uma previa orientação por parte de especialistas no assunto, o que lhes permitiria uma maior tranquilidade quando da amplitude de abordagens que o tema configuraria.

A Educação Sexual propagada na escola de forma assertiva, tornar-se uma ferramenta importante e que possibilitará ao educador trabalhar e expor um tema intimamente relacionado com o cotidiano escolar e a formação do indivíduo.

A idéia dessa exposição é que os professores desenvolvam na escola um espaço de reflexão sobre a sexualidade, dando início a uma proposta de trabalho, que necessita ser coletiva, ou seja, com o envolvimento de toda a comunidade escolar, não distanciando também da abordagem individual, caracterizada por um trabalho desenvolvido pelo professor, dentro de suas possibilidades de atuação dentro e fora da sala de aula com seus alunos (JARDIM; *et.al.*, 2006)

Por isso, o objetivo maior da escola e do educador, a fim de trazer impactos positivos da educação sexual, deve estar atrelado à sensibilização, no desenvolvimento de um ambiente onde seja possível abrir um espaço para discutir essas questões cotidianas e do mundo escolar, para que possam apontar possibilidades de atuação a partir do trabalho coletivo, amenizando o impacto dessas questões na vida dos alunos. Pois ao trabalhar com a educação sexual o professor deve buscar entender o que para eles constitui conflito, seus desejos, suas dúvidas, suas fantasias, medos, esperanças e para isso faz-se tão necessária sua prévia formação para que promovam a qualidade das informações que dispõe. Assim, o educador estará exercitando, com eles, alternativas para que se posicionem melhor em relação à sua sexualidade, para que construam um projeto de vida, a partir do que foi aprendido no ambiente escolar (ALTMANN, 2009).

Contudo, os impactos positivos só surgirão e repercutirão no ensino, quando ações de melhoria no ensino forem trabalhadas e quando os envolvidos no processo de formação do aluno entenderem que é preciso a formulação de projetos que favoreçam aos alunos identificar e entender o significado da orientação sexual para o exercício de sua cidadania, o que os levará também a se verem como agentes de mudanças e transformações sociais, e a partir do momento em que tiverem consciência da adoção de novos comportamentos de prevenção. Assim, com formação do educador para a instrução e orientação, e o próprio adolescente acolhedor dessas informações será capaz de refletir e elaborar suas próprias estratégias de controle e prevenção, de forma responsável e baseada na educação que recebeu, claro que de acordo com suas possibilidades, com seu contexto sócio-cultural, e também com a participação

ativa da família e dos educadores, considerando a situação atual de nossa sociedade e o que representarão no futuro (ALTMANN, 2007a).

Não se pode ignorar que se caminha para a análise adequada da necessidade de educação sexual nas escolas, uma vez que o Ministério da Saúde entende que o período escolar é fundamental para se trabalhar saúde na perspectiva de sua promoção, desenvolvendo ações para a prevenção de doenças e para o fortalecimento dos fatores de proteção (PAIVA, 2005).

A escola além ter uma função pedagógica específica, tem uma função social e política voltada para a transformação da sociedade, relacionada ao exercício da cidadania e ao acesso às oportunidades de desenvolvimento e de aprendizagem, razões que justificam ações voltadas para a comunidade escolar para dar concretude às propostas de promoção da saúde (ALTMANN, 2007b).

Por essa razão, o setor educacional, é visto como um aliado importante para a concretização de ações de promoção da saúde voltadas para o fortalecimento das capacidades dos indivíduos, para a tomada de decisões favoráveis à sua saúde, para a criação de ambientes saudáveis e para a consolidação de uma política intersetorial voltada para a qualidade de vida, pautada no respeito ao indivíduo e tendo como foco a construção de uma nova cultura para saúde do adolescente.

É de fundamental importância a formação continuada dos docentes, para que possam promover saúde de forma gradual e a partir de uma visão holística do indivíduo, sendo que no contexto escolar, com respeito às suas possibilidades e aos limites apresentados. A integração de forças para a elaboração coletiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais visa alcançar à concretização da educação e saúde propagada de forma integradora. Além de dinamizar a formação continuada dos professores para que se construa uma nova cultura, em que a educação e a saúde tenham sentidos e significados mais integrais e que resultem em projetos de vidas mais saudáveis.

Contudo, por ser o agente integrador e formador da consciência do adolescente, a escola deve propiciar momentos de debates sobre fatores desfavoráveis à saúde do adolescente presentes nas realidades dos alunos, bem

como da comunidade escolar. Para isso deve mobilizar projetos, ações, com relação à saúde individual e coletiva, considerando a saúde sob seus diferentes aspectos. O ideal seria uma criação de uma rede de apoio, nas mais diferentes formas e instâncias, como foi dito em momento anterior, em que os diversos atores envolvidos, ou seja, os alunos, os conselhos de saúde, de direitos da mulher, de cidadania, de defesa da criança e do adolescente, tutelares, associações de moradores, de professores, grêmios estudantis, movimentos ligados a partidos políticos ou às igrejas e tantos outros, se envolvessem e trabalhassem juntos para o exercício da construção da cidadania e do autocuidado.

Entende-se assim, que muito embora iniciativas para o desenvolvimento da temática da educação sexual no contexto histórico, cultural e social tenham sido empreendidas, ainda hoje se observam barreiras oriundas de um modelo conservador, pouco abrangente e idealizador de um sistema que não alcança as necessidades de entendimento dos alunos, seus anseios e dúvidas acarretando as mais variadas implicações, justamente pela inércia dos envolvidos, na busca de soluções que acolham e minimize esses fatores.

Esse trabalho expôs alguns dos problemas de abordagem do assunto nas escolas e suas repercussões na vida dos adolescentes. No entanto, impera-se também a necessidade de voltar o olhar não só para o aluno que precisa da informação, mas também para o docente que perpetua e leva esse conhecimento. Ainda mais se for considerado a vulnerabilidade dos adolescentes frente aos inúmeros problemas sociais, do modismo, da desestruturação de famílias, problemas dos quais este vivencia e que merece destaque e cuidado dos professores, quando forem tratar assuntos de interesse geral e que gera repercussões e que justamente por isso necessita de um profissional com conhecimento e formação para tal.

Em contrapartida, a de se buscar também a conscientização geral, pois do contrário, o assunto continuará a ser tratado de forma ineficaz como vem sendo tratada. Com efeito, para que haja o rompimento das barreiras outrora criadas, é preciso que se estabeleça um plano de ação para inserção do tema no currículo

escolar, não como percebido, mas de maneira assertiva, de forma a culminar para a autonomia e co-responsabilidade dos alunos, contribuindo de maneira efetiva para sua formação e transformação para saúde.

Por fim, como alternativa atual para enfrentamento desse problema, e partindo da necessidade da transformação do docente para atuação junto aos adolescentes, a criação de alternativas para a promoção da saúde nas escolas, são necessárias, devendo essas estarem voltadas para a necessidade local e de forma a alcançar em sua totalidade as demandas dos alunos e do ideal de ensino e aprendizagem adequados.

## REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. A sexualidade adolescente como foco de investimento político-social. *Educ. rev.*, Dez 2007a, nº.46, p.287-310. ISSN 0102-4698

ALTMANN, Helena. Educação sexual e primeira relação sexual: entre expectativas e prescrições. *Rev. Estud. Fem.*, Ago 2007b, vol.15, nº.2, p.333-356. ISSN 0104-026X

ALTMANN, Helena. Educação sexual em uma escola: da reprodução à prevenção. *Cad. Pesquisa*, Abr 2009, vol.39, nº.136, p.175-200. ISSN 0100-1574

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. *Rev. Estud. Fem.* v.9 n.2 Florianópolis 2001

DINIS, Nilson; ASINELLI-LUZ, Araci. Educação sexual na perspectiva histórico-cultural. *Educ. rev.* [online]. 2007, n.30 ISSN 0104-4060.

FLEURI, Reinaldo Matias. A questão da diferença na educação: para além da diversidade. In: **Associação Nacional de Pesquisadores em Educação (ANPEd)** .25, 2002, Caxambu. CD-ROM.

FURLANI, Jimena. Sexos, sexualidades e gêneros: monstrosidades no currículo da Educação Sexual. *Educ. rev.*, Dez 2007, no.46, p.269-285. ISSN 0102-4698

JARDIM, Dulcilene Pereira; BRÊTAS, José Roberto da Silva Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira - SP. *Rev. bras. enferm.*, Abr 2006, vol.59, no.2, p.157-162. ISSN 0034-7167

LAPATE, V. **Educando para a vida IV: sexualidade e saúde**. São Paulo: Stimma, 1985

PAIVA, Vera *et al.* Opiniões e atitudes em relação à sexualidade: pesquisa de âmbito nacional, Brasil 2005. **Rev. Saúde Pública**, Jun 2008, vol.42, suppl.1, p.54-64. ISSN 0034-8910

ROSISTOLATO, R.P.R. Gênero e cotidiano escolar: dilemas e perspectivas da intervenção escolar na socialização afetivo-sexual dos adolescentes, **Rev. Estud. Fem.** vol.17 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2009

SAYAO, Rosely. **Sexo, prazer em conhecê-lo.** Ilustrações de Angeli. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995. 128 p.

SUPLICY, M. **Conversando sobre sexo.** São Paulo: Editora, 1991.

SUPLICY, M; EGYPTO, A. C; VONK, F. V. V, **Guia de Orientação Sexual: Diretrizes e Metodologia,** Editora: Casa do psicólogo, Brasil.2005.

TONATTO, S; SAPIRO, C.M. Os novos parâmetros curriculares das escolas brasileiras e educação sexual: uma proposta de intervenção em ciências **Rev. bras. enferm.** vol.59 no.2 Brasília Mar./Apr. 2006